

**A CASA
TOMBADA**
Lugar de Arte, Cultura e Educação



FACONNECT/A CASA TOMBADA

MARÍLIA MARIANA MUNIZ DE AGUIAR

**Aprender a aprender: as transformações de uma arte-educadora através
das vivências nas manifestações populares**

Bragança Paulista/SP

2022

FACONNECT/ A CASA TOMBADA

MARÍLIA MARIANA MUNIZ DE AGUIAR

Aprender a aprender: as transformações de uma arte-educadora através das vivências nas manifestações populares

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu Saberes Populares para a Arte e a Educação nas Vivências da Carroça de Mamulengos: O Que Podemos Fazer Por Nós Mesmos? apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em Arte/Educação.

Orientadora: **Profa. Daniela Rosante Gomes**

Bragança Paulista/SP

2022

"esse guerreiro é de moça
mestre tem que respeitar
esse guerreiro é guerreiro
mestre tem que respeitar"

Guerreiro da Mestre Margarida

RESUMO

Este trabalho pretende por meio de da produção de três cartas relatar a importância da arte na recuperação e superação pessoal. Tem por intuito mostrar como a arte é uma grande aliada para superar a ansiedade. O resgate da autoestima, dos valores e dos sonhos feito por meio da arte tradicional, da troca de experiências e da formação de uma rede de amigos e de apoio. A problemática apresentada ao longo dos relatos é acerca de como inserir vivências no planejamento pedagógico em arte educação. Quais vivências culturais podem ser trazidas para as ações pedagógicas? Para sanar esses questionamentos, este trabalho tem por objetivos relacionar as vivências em cultura com a tradição oral brasileira. Os relatos aqui redigidos fazem parte das vivências realizadas ao longo do curso de pós-graduação em Lato Sensu: Saberes Populares para a Arte e a Educação nas Vivências da Carroça de Mamulengos: O Que Podemos Fazer Por Nós Mesmos?

PALAVRAS CHAVE: Tradição Oral. Vivências culturais. Relatos Pessoais.

ABSTRACT:

This work intends, through the production of three letters, to report the importance of art in recovery and personal overcoming. The recovery of self-esteem, values and dreams is done through traditional art, the exchange of experiences and the creation of a network of friends and support. The problem presented throughout the reports is about how to insert experiences in the pedagogical planning in art education. Which cultural experiences can be brought to the pedagogical actions? To solve these questions, this work aims to relate experiences in culture with the Brazilian oral tradition. The reports written here are part of the experiences carried out during the postgraduate course in Lato Sensu: Popular Knowledge for Art and Education in the Experiences of the Carroça de Mamulengos: What Can We Do for Ourselves?

KEYWORDS: Oral Tradition. Cultural experiences. Personal Reports.

Introdução

Carta à Marília Mariana, Marília Aguiar, Marília de Galvão, Marília de Maria Helena, a Marília de José, a Mamá, a Cabelo de Fogo, ao meu filho, aos meus familiares, amigos e parceiros da pós-graduação Saberes Populares para a arte e educação nas vivências da Carroça de Mamulengos.

Hoje estou aqui tentando escrever um relato de quem eu sou. Acho que tenho feito muito esse questionamento a mim mesma nos últimos anos.

Resolvi fazer esse TCC – Tecendo Confluências Comunitárias – em forma de relato ou carta. Talvez, porque assim, fosse mais fácil para que eu pudesse me comunicar diante de algumas dificuldades que me aflige para me expressar, e que eu pudesse compartilhar minhas vivências.

Precisei repensar várias vezes a minha escrita – escrever é algo que é muito difícil para mim. É mais um momento que a ansiedade se apresenta e as palavras fogem do pensamento e concatenar as ideias também é uma tarefa árdua. Diante disso, reescrevo meu relato que será estruturado da seguinte forma: Introdução e Relato – escrito de forma corrida, sem tópicos. Nele falo sobre minha transformação a partir da arte, das crises de ansiedade e depressão, do pandeiro popular, de como o pandeiro foi um facilitador para compreender meu déficit de aprendizado, das manifestações populares, me entender como sou e como as manifestações populares me traz um sentimento de pertencimento, de identidade, de saber quem eu sou e que ali é o meu lugar.

Assim como na cultura popular, o método que utilizei para essa escrita foi o do ouvir. Não estava conseguindo desenvolver as minhas ideias para concluir esse texto, diante disso, resolvi me gravar falando qual é a minha ideia, os meus pensamentos, o objetivo dessa escrita e transcrevi a minha fala.

O tema que quero compartilhar é algo que já faz um tempo que sinto vontade de escrever porque foi um processo significativo demais para mim e me fez me conhecer e re-conhecer como pessoa; me fez entender, aceitar e repensar o meu processo de aprendizado e também meu processo de ensino

como arte-educadora. Acredito que é um tema que se adequa a nosso trabalho de conclusão e que possa agregar em nossas discussões, pensando que a pós tem como um dos seus inúmeros eixos a sensibilidade no processo artístico-pedagógico.

Eu faço um marco temporal de dezembro de 2014 aos dias de hoje para construção do meu relato, tendo em vista que tudo é resultado de um processo. Nada aconteceu ou se transformou do dia para a noite.

Demorei a descobrir quem sou. Hoje digo que sou uma criança no seu início de vida. Até meus 30 anos, até ter meu filho, até começar a terapia, eu não me conhecia, eu não me entendia, não vivia o que queria viver, vivia o que tinha que viver e pronto. Sem muitas escolhas, até porque eu não era achava que era capaz de escolher quem eu era, o que gostaria de ser. Era uma personagem que apenas acordava, vivia e dormia. Um dia isso teve um peso muito grande para mim, que me permitiu crescer e amadurecer. “Virar a chave” foi necessário para a mudança e a cada mudança era outra chave que virava e assim sucessivamente.

Esse processo de me conhecer está sendo muito importante para mim e é muito gratificante. Hoje me sinto criança, aquela criança que foi roubada sua ingenuidade, sua pureza de criança, e que viveu transtornada, traumatizada por anos por ter sido abusada. Sinto que fui quebrada e fui colada a pouco tempo. Por outro lado, hoje me vejo uma criança com infinitas possibilidades de querer, aprender, e de escolhas porque hoje sei quem eu sou, o que quero e por qual caminho quero trilhar.

Endereço esta carta às várias Marílias que me compõe para cada Marília que existiu e que se renovou para que a Marília de hoje pudesse existir.

Relato

Convivi com a ansiedade e depressão a minha vida toda. Acho que não consigo pensar sobre a minha vida e não pensar em ansiedade. Lembro exatamente a primeira vez que senti o vazio. Era um sábado a tarde – estava chegando em casa e minha mãe estava limpando o seu quarto (ela sempre fazia isso aos sábados) – quando senti a primeira vez aquela estranheza, o vazio. Eu tinha 10 anos. Essa sensação de estranheza e vazio me acompanhou pela vida toda.

A ansiedade ela é dolorida fisicamente e exaustiva mentalmente. É a sensação da agonia na região do abdômen, a falta de ar, a língua que enrola na hora de falar, compulsão alimentar, o formigamento no corpo, as palavras somem, a cabeça com muitos pensamentos juntos e atravessados, as crises de choro, o medo do julgamento e o sentimento de incapacidade. Estar ansioso é sufocante!

A primeira vez que recebi um diagnóstico de ansiedade e depressão eu tinha 19 anos, mas, não consegui me manter em tratamento. Era muito desagradável o momento da terapia, aceitar que é necessário fazer uso de remédios, olhar para mim e refletir sobre tudo que me afligia. Abandonei e só retornei a terapia com 28 anos. Foi o momento que vi minha vida de cabeça para baixo e que precisei admitir que precisava de ajuda profissional. Foi algo que foi se intensificando ao longo do tempo por dois motivos: 1) eu não entendia o que sentia e 2) porque não havia sido feito um tratamento adequado.

Sofrer de ansiedade influenciou em vários eixos da minha vida, mas a que quero compartilhar aqui é como ela influenciou diretamente no meu aprendizado.

Falar sobre a minha ansiedade e meu processo de ensino-aprendizagem é algo que anseio já faz um tempo. Acredito que quando tudo começou a mudar e ver que realmente a gente tem meios – que por sinal, são muito eficazes – de lidar com a ansiedade tudo começou a fazer sentido.

Quero falar porque acredito que é necessário falar sobre e que é importante mostrar uma realidade positiva sobre o assunto e seja, de alguma forma, incentivador de outros processos.

No ensino médio comecei a me questionar sobre meu aprendizado e me lembro muito bem dois momentos – 1) na aula de biologia no segundo ano do ensino médio e 2) na aula de Teoria da História na faculdade.

Meu questionamento era o seguinte: “Porque eu não consigo aprender como os outros? Estão todos olhando para o professor como eu, estão todos ouvindo as mesmas palavras e eles conseguem aprender e eu não?”

A resposta é: Na minha cabeça tinha milhões de pensamentos atravessados e turbinados. Por mais que eu também estivesse olhando e ouvindo o professor, focar nas palavras dele era impossível. Me lembro de momentos em que a fala do professor acabava e no mesmo instante eu não lembrar de NENHUMA palavra que havia dito.

Eu só consegui me responder depois que me formei e me tornei professora. Estar em sala de aula me ajudou muito a identificar as minhas questões de aprendizado porque eu precisava estar atenta as questões de aprendizado dos meus alunos. O caminho foi inverso!

Eu vou tentar não me estender muito nas minhas palavras e experiências. Um dos exercícios dessa escrita é me ater apenas nos fatos que entendo como relevantes para essa reflexão. Do período da faculdade, preciso destacar mais dois pontos: 1) Tive um apagão completo durante duas provas – história antiga e Brasil república. Posso dizer com muita convicção que eu havia estudado para as duas provas, mas na hora, eu não era capaz de lembrar de nada, nenhuma palavra, nem o processo que aconteceu. Uma prova entreguei em branco e a outra prova, minha dupla respondeu tudo e 2) percebi que textos de escritas mais leves, menos acadêmico, textos de linguagens mais acessíveis a todos, também foi um instrumento que me auxiliou com esse déficit no meu aprendizado.

Não era torturante ler quando os textos eram esses. Para mim, ler sempre foi uma tortura, era uma agonia que me doía fisicamente, um

formigamento no abdômen. Esses textos tinham uma leitura fácil e era um exercício mental no sentido que praticar e conseguir a compreensão me facilitou na leitura de outros textos.

O pandeiro foi uma peça fundamental para eu entender todo esse processo. Foi tentando aprender o pandeiro que compreendi como a ansiedade se manifestava toda vez que eu me propunha aprender algo e, que por muitas vezes me fez desistir de aprender por me sentir incapaz. Entre 2017 e 2019, foi um período que eu não estava fazendo terapia e também o momento que comecei a procurar professores para aprender o pandeiro. Tocar foi minha fuga quando sentia as crises de ansiedade. Um das alternativas para aliviar a ansiedade é focar a sua atenção em algo que seja prazerosa. Mudar o pensamento é um exercício. No começo é difícil “treinar” a mente para focar em algo, por outro lado, é aquela máxima que sempre faz muito sentido “a prática leva a perfeição”.

O que era uma dificuldade, se tornou um trunfo. Criei um método para aprender a partir dos estudos do pandeiro. Com o tempo percebi que para aprender é necessário primeiro acreditar que somos capazes de aprender, aceitar que cada um tem o seu tempo e seu processo, e que está tudo bem não conseguir, é entender que cada um tem a sua inteligência e suas habilidades.

Para eu conseguir estudar o pandeiro eu precisava me concentrar apenas no pandeiro, eu colocava todo o meu pensamento e todo o meu corpo voltado para o pandeiro. Se eu estava feliz, eu estudava o pandeiro e se eu estava triste e agoniada eu estudava o dobro, eu transformava todos esses sentimentos em sons. Eu repetia para mim mesma “eu vou fazer esse toque” “eu vou conseguir” “Eu vou focar a minha atenção aqui”. E fui percebendo um jeito meu de aprender e estudar. Conseguir aprender e executar um toque, mesmo que eu demorasse o dobro de tempo para conseguir, me fazia bem. Perceber que com o pandeiro eu era capaz de ir além da ansiedade me fez ter confiança de aprender outras coisas, e não apenas aprender, mas também, enfrentam outros desafios que me tiravam da minha zona de conforto.

O pandeiro me possibilitou aprender a aprender, me fez perceber um método eficaz para eu aprender tudo o que eu quisesse e me dedicasse a estudar. Aprendi

Ainda hoje, quando eu sinto qualquer turbulência na minha vida, é para o pandeiro que eu corro. Para mim, segurar o pandeiro é estar em uma zona segura. Me dedicar ao pandeiro, aprender e executar toques e improvisos cada vez mais complexos, me traz segurança. É entender que não sou boa em outras coisas, mas que o pandeiro eu consigo tocar e que está tudo bem também não saber coisas que a maioria das pessoas sabem ou conseguem fazer.

Compreender todo esse processo também e me perceber capaz de aprender me deu coragem para admitir a quem quer que fosse que tenho um déficit de aprendizado. Das potencialidades que desenvolvi com a prática do pandeiro: foco e concentração, executar células diferentes na mão e no pé e as vezes até cantar, capacidade de perceber outros sons e possibilidade.

Compreender-me também me tornou uma professora melhor. Hoje me sinto mais sensível ao processo de ensino seja eu professora ou aprendiz e isso me fez mais capacitada em perceber em que momento meus alunos estão com dificuldades. Hoje eu entendo que não é a quantidade de conteúdo que você aprende ou consegue executar, o que é importante é entender que é você é capaz independente de ansiedade ou ser tachado de burro. Não importa se você sabe menos, ou que conseguiu executar menos, o que importa que é conseguiu aprender algo e isso basta. Cada um tem a sua inteligência e cada um tem o seu tempo.

Um dia recebi um vídeo curto de 5 minutos – era uma animação de um TED de Anita Collins que falava sobre “De que modo tocar um instrumento beneficia o seu cérebro” e com isso eu pude entender o porquê o pandeiro me ajudou a compreender como a minha ansiedade influenciava no meu processo de ensino-aprendizagem e como praticar me ajudou a desenvolver tanto com instrumentos musicais e em outras esferas da minha vida.

“Você sabia que toda vez que um músico pega um instrumento seu cérebro acendem como fogos de artifícios? Se ouvir música faz o cérebro

executar tarefas interessantes, tocar música é equivalente a fazer ginástica com o corpo inteiro. Os neurocientistas viram que muitas áreas do cérebro se acendem simultaneamente processando várias informações, de forma complexa. Tocar um instrumento envolve praticamente todas as áreas do cérebro de uma só vez. Principalmente as áreas visual, auditiva e motora. E como todo exercício, a prática disciplinada e estruturada de tocar faz que essas funções do cérebro fiquem mais fortes permitindo-nos aplicar essa força em outras atividades. A diferença mais óbvia entre ouvir e tocar música é que tocar envolve habilidades de movimento muito delicadas e essas habilidades são controladas pelos dois lados do cérebro... Por isso, descobriu-se que tocar música aumenta o tamanho e a atividade do corpo caloso no cérebro a ponte que liga os dois hemisférios e permite as informações circularem rapidamente e em rotas mais diversificadas e pode ajudar os músicos a solucionar problemas de forma mais efetiva e criativa, tanto na área acadêmica quanto na social. Porque fazer música exige criar e entender seu conteúdo emocional e a mensagem, os músicos também têm níveis mais altos de “função executiva”, uma categoria de tarefas interligadas que envolvem planejamento, estratégia e atenção a detalhes e que requerem análise simultânea dos aspectos cognitivos e emocionais. Essa habilidade também tem impacto em como funciona nosso sistema de memorização. De fato, músicos mostram memória melhorada. Eles criam, mantêm e acessam memória de forma mais rápida e eficiente.”

O pandeiro foi um instrumento muito potente nesse meu descobrir de “quem sou?”, arte-educadora, dentro da cultura popular. A cultura popular não era um gosto. Por muitos anos vi os cortejos de Congadas passar na frente da minha casa. Eu assista porque era algo diferente que estava acontecendo, mas não era algo que me tocava profundamente.

Com 18 anos comecei a ter meus primeiros contatos com músicas que tinham percussão dos cocos e das alfaias do maracatu. A música pernambucana se tornou um amor. Ainda conhecia muito pouco da potência das percussões das manifestações populares e de suas riquezas.

Fui morar em Aracaju em 2009 – terra do samba de pareia da Mussuca, festival de Laranjeiras local onde as manifestações estava presente no dia-a-dia, nas músicas, na comida, lugar onde Dona Nadir da Mussuca é

considerada rainha. Junho era o mês de ir ao samba de coco do Seu Diô, primeiro celebra-se a fé, particularidade das manifestações populares e depois era o momento da brincadeira. Para mim, o ponto alto da festa era a fogueira – montava uma fogueira com uma árvore no meio com muitos brindes pendurados nos galhos. Acendia a fogueira e todo mundo ficava em volta aguardando o momento que árvore, com seu tronco queimado, fosse cair e a criançada corria para pegar os brindes. Depois era sambado o coco a noite toda.

Eu vivia tudo isso, mas sem saber bem o que era. Ia no Lambe Sujo e Caboclinhos em Laranjeiras, no Festival de Laranjeiras, no Museu da Gente Sergipana que vi o samba de pareia e São Gonçalo da Mussuca. Mesmo apenas vivendo, sem entender bem o que era, estar nesses lugares e viver aquilo foi começando a ter algum sentido para mim. Qual era o sentido? Não sei dizer.

Retornei para minha cidade em 2014 – Iguape, litoral sul de São Paulo. Cidade caiçara, da tradição da pesca, do saber fazer da rede e da canoa de um tronco só, da casa de farinha, do saber do plantio da mandioca, da colheita, do saber fazer os instrumentos para produção da farinha e para sua sobrevivência; do fandango caiçara, da rabeca, da viola, do tamanco, dos puxirões e da reiada.

Foi nesse contexto que me vi dentro das manifestações populares.

Como já disse mais acima nesse relato, em 2018, entrei como professora substituta da E. E Clodonil Cardoso, e ali conheci um grupo de crianças de 12 anos que estavam dispostos a aprender – eles queriam tocar, cantar e dançar. Em uma festa junina nos apresentamos dançamos o coco, dançamos uma congada, e assim me tornei arte-educadora. Senti-me transformada por essas crianças e com elas achei um sentido para mim, e espero que para elas também, das manifestações populares.

Vi-me diante de um desafio, por outro lado, também me vi diante de uma oportunidade – ensinar essas crianças que acreditavam que eu tinha algo para ensiná-las. Fazíamos encontros semanais, então, passava a semana toda pesquisando e estudando alguma coisa referente as manifestações populares

que eu pudesse ensiná-las aos finais de semana. E assim descobri um amor! Finalmente descobri o que queria estudar, ao que queria me dedicar, com que eu queria trabalhar.

O grupo de 2018 ainda existe e se chama Grupo de Cultura Popular Nossa Senhora do Rosário e somos em três – a Isley que começou comigo em 2018 e nunca parou e agora está com 16 anos; a minha sobrinha Beatriz de 10 anos que começou a tocar pandeiro em 2020 e eu. Nosso grupo apresenta a cultura popular através do pandeiro em saraus. O pandeiro é uma bateria de mão, é possível adaptar para o pandeiro qualquer de instrumento de percussão ou um conjunto de sons e transformar em uma base; isso nos possibilita adaptar as percussões das manifestações populares para o pandeiro e falar um pouco sobre quando nos apresentamos em saraus.

Para mim, foi necessário ir embora do meu lugar, do meu território, olhar primeiro as belezas do que é de fora, para depois conseguir olhar com carinho para o que é meu. Hoje tenho a felicidade de ter vivências com os mestres da cultura caiçara - conversar, perguntar, entender e compreender a importância da cultura caiçara, do fandango caiçara. Porque a gente só ama, cuida e preserva o que a gente conhece.

O dia que conheci professor Diegues (estudioso da cultura caiçara) eu estava ensaiando com minhas meninas uma pandeirada de samba de coco e ele nos ouviu com todo carinho e me disse assim “você precisa ensinar a cultura caiçara”. A minha resposta foi apenas um “sim” e me questionei para mim mesma “como vou ensinar algo que eu não gosta?!” Porque eu me via nordestina e não caiçara. Tentei puxar na minha memória se em algum momento enquanto estava no ensino médio e fundamental se participei de evento, trabalho, aula, lição, seminário sobre cultura caiçara. A resposta é “não”. Lembro apenas das memórias dos meus familiares, das histórias que minha avó nos contava.

Como despertar interesse em crianças e adolescentes sobre cultura, cultura popular e cultura regional, que são formadores da nossa identidade, se nem ao menos temos um mínimo de incentivo de estudo, pesquisa e vivência dentro das escolas?

Para quem é esse e para que serve esse conhecimento que está sendo produzido e reproduzido nas escolas?

Quando era professora substituta, fui chamada na coordenação da escola, porque “na escola não era lugar de se ensinar a cultura popular. Na escola era lugar de conhecimento acadêmico, que cultura popular os alunos aprendiam em casa”. Conhecer, pensar e refletir as manifestações culturais do nosso Brasil é aprender sobre história, identidade, regionalismos, religião, costumes, trabalho, culinária, artesanato.

A construção de conhecimento a partir da cultura popular é aprender através do sentimento. É aprender ouvindo, vendo, sentindo e fazendo. É um processo profundo de transformação porque ele vem de dentro para fora completamente diferente do conhecimento acadêmico que nos chega pronto – o professor está a frente e vomita informação no aluno e muitas vezes aquilo passa despercebido porque para o aluno nada daquilo faz sentido. Quando falamos de conhecimento construído através da cultura popular, falamos de um conhecimento que ele faz sentido porque cultura popular é a nossa identidade, está dentro de nós. Faz sentido porque é quem nós somos, está nosso sangue, no nosso dna.

As manifestações populares foram construídas pelo povo e para o povo, mostra quem nós somos e saber quem somos é aprender a cuidar e valorizar o que é nosso. Porque a gente só cuida e valoriza o que conhecemos e amamos.

A cultura popular nas escolas com mestres e os grupos da cultura popular é fortalecer e perpetuar os conhecimentos que não estão nos livros, conhecimento da tradição oral, da tradição da roda, do pai que passou para o filho, do avô que passa para o neto, do primo que aprende com o primo. É valorizar um conhecimento da vivência, “um conhecimento que tem uma metodologia estruturada, a metodologia da roda, e por ter essa metodologia que ele se torna tradição.”.

Estou há pouco tempo dentro desse universo da cultura popular, das manifestações populares, do saberes populares e do saber fazer, mas, que para mim esse tempo foi um de muito aprendizado, de crescimento pessoal e profissional e que eu enxergo muito amor de dentro para todo esse processo.

Está sendo um processo transformador e por isso, achei necessário compartilhar escolhi como meu relato e tem como principal objetivo mostrar para outras pessoas que existe sim uma alternativa para controlar a ansiedade e para o déficit de aprendizado. Cada conhecimento que construímos ou adquirimos é ficar mais confiante de si mesmo e ficar feliz por sermos capaz de aprender.

A você, minha linda e amada criança, saiba que você sempre foi inteligente e capaz. Seja feliz! Que a felicidade esteja sempre contigo. Temos um lindo caminho a seguir. Vamos conquistar nossos sonhos.

Assinado: Mamá

Iguape, 15 de novembro de 2022.

A Marília Mariana, filha dos Josés e de Maria Helena, neta de Pedrina, mãe do Vicente, que conseguiu encontrar seu lugar no mundo.

Meu encontro com a Carroça

A pós-graduação com a Carroça de Mamulengos chegou para mim em um momento que eu não queria mais voltar aos estudos acadêmicos, apesar de toda insistência da minha mãe para que eu tentasse um mestrado em cultura popular. Ela percebeu o quanto eu me dedicava a estudar, pesquisar, fazer oficinas aqui e outras cidades e também a ensinar sobre a cultura popular. Ela percebeu o quanto me fazia bem e também o quanto os outros reconheceram com meu trabalho com pandeiro e cultura popular.

Mesmo com pouco tempo de vivência eu percebi que um diploma para a sabedoria popular não me era de grande valia. Percebi que o viver e o sentir era muito mais valiosos do que um diploma. Eu não queria mais um diploma. Eu queria vivências, eu queria sentir, trocas, queria me sentir abraçada e não apenas ler textos. Não me fazia muito sentido retornar para o ensino acadêmico.

Um dia, uma grande amiga que acompanha A Casa Tombada mandou um vídeo do Chico César falando sobre a pós e a Carroça de Mamulengos e disse “é a sua cara!”. Assisti ao vídeo, entrei no site e me ganhou no mesmo momento. Fiquei encantada com todas aquelas cores! Ver as fotos de cada integrante do Carroça e dos mestres do Cariri me instigou a ingressar na pós. É isso que eu procurava.

Sou mãe, artesã, quando iniciei a pós era arte-educadora em uma ong, arte-educadora em grupo de pandeiro, estudante de percussão e mulher, estar em mais um curso não foi fácil. Chegava em casa exausta e muitas vezes não queria participar da roda, mas, em todos os momentos que eu não queria entrar na sala e entrava porque não queria perder o momento, aquele encontro era mais especial. Parecia que aquele encontro era feito para mim. No meu

sentimento, era como se o divino havia preparado aquele encontro para mim, que eu precisava ouvir o que ia ser falado naquele encontro. Sempre havia uma fala que me transformava, que me reiniciava, que não me deixava desistir, que me mostrava que todo meu esforço valia a pena. Foi transformador todo momento em que pude estar presente. Muitas vezes entrava na sala, ia fazer faxina casa, produzir uma mandala que já estava encomendada, e apesar do meu silêncio e da minha câmera fechada, o sentimento de pertencimento era muito forte em cada vivência.

Me emocionei profundamente em todos os encontros. Eu sentia que estava no meu lugar.

Quero destacar alguns momentos que me tocaram profundamente:

01) A vivência de agrofloresta com o Antônio – eu fiquei muito emocionada e fechei a minha câmera para chorar, mas era um choro de felicidade e alívio. Ele estava falando algo teórico de biologia e dessa vez eu estava olhando para o professor, ouvindo o professor e estava compreendendo tudo.

02) “Quando o Carlos tocou o sininho, eu senti saudade do que eu ainda não tinha vivido” – essa foi uma fala da Schirley que eu me reconheci. Porque esse sentimento de sentir saudade de algo que eu nunca havia vivido era o sentimento que me afluía quando estava em contato com a cultura popular. E como explicar isso?! Sentir saudade do que não viveu. Achei interessante ouvir outra pessoa falar que também sentiu isso.

03) Conhecer duas fortalezas – Mestra Marinez e Mestra Margarida. Eu não conhecia nem o Guerreiro da Mestra Margarida e nem o coco da Mestra Marinez e fiquei impressionada com a força dessas duas mulheres. Fiquei deslumbrada com a aula da Mestra Marinez, com toda sua força e garra. E ouvir Mestra Margarida cantar “esse guerreiro é de moça, mestre tem que respeitar. Esse guerreiro é guerreiro, mestre tem que respeitar” é motivador, é respirar fundo e tomar um fôlego para batalhas da vida. Duas mulheres inspiradoras.

04) O canto para o divino – ver o Mestre Dodo se ajoelhar e cantar para o divino foi algo que me tocou profundamente. Não sei dizer exatamente o motivo, mas chorei de soluçar. Acredito que é a certeza que tem algo muito maior nesse universo que a gente não pode ver e nem pegar, mas que podemos sentir, que está cuidando e olhando por nós. Que apesar de toda dor, toda tristeza, todo sofrimento, dificuldade, tem algo que vai nos dar força para seguir em frente. Eu tenho fé!

A pós me proporcionou grandes momentos e muitos sentimentos. E principalmente, o sentimento de pertencimento. Esse sentimento que é inerente as manifestações populares, o sentimento de ser, pertencer e identidade. Compreender a nossa cultura popular é compreender quem nós somos, toda nossa riqueza e toda nossa identidade.

Agradecida a todos que compartilharam comigo nessa roda.

Assinado: Marília Mariana

Iguape, 20 de novembro de 2022.

A Marília Mariana Muniz de Aguiar, a artesã das Mandalas Cabelo de Fogo, analista da Fábrica de Cultura de Iguape, mulher porreta e batalhadora, pandeirista. A filha de Maria Helena, que você seja uma mulher forte igual a ela.

O que nós podemos fazer por nós mesmo?

Encerro meu relato falando sobre meu trabalho como analista da Fábrica de Cultura 4.0 de Iguape. A Fábrica de Cultura é um programa do governo do estado que completou 10 anos em 2022.

A Fábrica de Cultura nasceu de uma pesquisa feita em áreas de vulnerabilidade na cidade de São Paulo com alto índices em evasão escolar, gravidez na adolescência, criminalidade, uso de drogas. Ela foi criada com o objetivo de ampliar o acesso a cultura e arte a crianças e jovens em áreas de vulnerabilidades e que isso seja algo transformador nas vidas desses indivíduos.

Em julho foi inaugurado a Fábrica de Cultura 4.0 na cidade de Iguape, litoral sul de São Paulo. A primeira Fábrica que está fora do entorno da cidade de São Paulo.

Me tornei analista do artístico pedagógico em março quando iniciaram os processos seletivos para formação da equipe. Eu nunca havia ouvido sobre o programa Fábricas de Cultura.

Como analista eu auxilio a supervisão do artístico pedagógico a propor oficinas de arte e cultura com duração de 4 meses, e também, auxilio os arte-educadores com materiais, lista de chamada, mediação com aprendiz.

Dos ateliês e trilhas que a Fábrica oferece gratuitamente a população, temos: violino, rabeca e viola caixara, cordas, percussão, iniciação a pintura, leitura e escrita criativa, iniciação artística, foto e vídeo, robótica, hip hop, teatro, capoeira, games, artes visuais, circo, balé, artesanato.

Ser analista do artístico pedagógico é outro processo transformador na minha vida. Ao mesmo tempo que me formo como analista, porque é um trabalho nunca executei e é um aprendizado diário, eu também me formo como arte-educadora, apesar de não ser arte-educadora na Fábrica. O programa não tem como intuito formar um artista, e sim formar, um ser humano e isso faz toda diferença no processo artístico.

A Fábrica também tem como objetivo fortalecer e fomentar a cultura local, aqui no meu caso, a cultura caiçara. A cultura caiçara é uma cultura de resistência. Nos anos 80, os caiçaras foram expulsos das suas terras por conta da especulação imobiliária e o aumento das leis ambientais, e é nesse contexto que houve a necessidade de reafirmar a identidade caiçara. O caiçara que vive em contato e harmonia com a natureza e é dela que ele tira seu sustento, foi proibido de fazer sua roça, do manejo da caxeta para produção dos seus utensílios domésticos e instrumentos do fandango, proibido de cortar árvore para produção da sua canoa. O caiçara foi proibido de viver o seu modo de vida e precisa se adaptar em regiões urbanas vizinhas para poder sobreviver.

“ Sem seu território, não existe cultura caiçara” – essa foi uma fala que de uma caiçara em um documentário que me marcou muito. Após a expulsão das suas terras, os caiçaras começaram a se organizar para manter vivo suas tradições. Toda produção da vida do caiçara é artesanal – seja na pesca como a produção da canoa de um tronco só, covos, cercos; seja na sua alimentação como a roça, a produção da farinha, dos utensílios domésticos; e na produção cultural com os instrumentos do fandango caiçara. É uma tradição que nasceu com a natureza; e como se manter e perpetuar essa tradição se a natureza foi negada aos caiçaras?

Hoje existem grupos, encontros, vivências em todo litoral paulista e do paraná para fortalecer e manter viva a cultura caiçara.

Na Fábrica de Cultura, estou tendo grandes oportunidades de conhecer mestres fandagueiros e poder ouvi-los falar sobre sua história. Um deles foi seu Carlos Raimundo, mestre artesão na confecção de cestarias. Com seu Luis Adilson e seu Nelsinho, mestres fandagueiros.

Nas minhas pesquisas sobre cultura caiçara, assisti um vídeo de Mestre Nelsinho tocando sua viola com um jovem tocando rabeca, e ele fala sobre a dificuldade de hoje em dia os jovens se interessarem em aprender o fandango caiçara, principalmente, a rabeca. A partir desse momento que compreendi a importância de eu, uma arte-educadora de cultura popular, aprender a tocar rabeca.

Hoje sou aprendiz de rabeca na Fábrica de Cultura e espero poder ensinar a crianças e jovens sobre a importância da cultura caiçara. Continuo aprendendo e ensinando o samba de coco porque é uma paixão em minha vida, mas, meu desejo é falar e ensinar a cultura caiçara. Um dia, um grande amigo me disse que a gente só ama o que nós conhecemos e que eu só comecei a amar o que meu território e a minha cultura quando eu entendi a sua grandeza. Ele tem razão!

E assim, sigo meu caminho.

Assinado: Marília Mariana Muniz de Aguiar

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19. P. 20 – 28.

BROWN, Brené. **The power of vulnerability**. Disponível em: https://www.ted.com/talks/brene_brown_the_power_of_vulnerability. Acesso em: 10/12/2022.

COLLINS, Anita. **Tocar um instrumento beneficia o seu cérebro**. TED-Ed. Vídeo. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kjAnEOgd3PE&ab_channel=CharlesDarwin. Acesso em: 15/12/2022.

DIEGUES, Antônio Carlos. (Org.). **Enciclopédia caiçara Vol. IV: História e memória caiçara** . 1ªED.(2005). Ed. NUPAUB-CEC/USP.

FERREIRA, Dulcinéia de Fátima. FRANCO, Paulo Cesar. **Oficina de fandango como educação popular na comunidade tradicional caiçara – Jureia/Iguape/SP**. DOI: 10.12957/teias.2017.27009. Revista Teias v. 18, n. 50, 2017 (Jul./Set.): Conversas sobre formação de professores, práticas e currículos. P. 210 – 227.

FRANCA, Belisario. **Danças Brasileiras – Samba de Parelha**. Instituto Brincante. 2020. Vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6ZKIVEYiDtc&ab_channel=InstitutoBrincante. Acesso em: 14/12/2022.

GOMIDES, Maria. **Segundo ato: Cena 1- Mestras e Mestres da cultura**. Encontro 1: 04/08 -A Barraca da União. Aula *on line*. 2021.

NUNES. Isaac. **Samba de coco – Histórico**. 2012. Vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=x9sBwzyYUWQ&ab_channel=IsaacNunes. Acesso em: 10/12/2022.

ROMEU, Gabriela. BESSEL, Catarina. **Álbum de Família: Aventuranças, memórias e efabulações da trupe familiar Carroça de Mamulengos**. São Paulo: Peirópolis, 2019. 2 v.

TINHORÃO, José Ramos. **Os sons dos negros no Brasil: Cantos, Danças, Folgedos: Origens**. 2012. Editora 34; 3ª edição.

TINHORÃO, José Ramos. **Cultura popular: temas e questões**. 2001. Editora 34; 1ª edição.

UNESCO. **Museu Vivo do Fandango-15'**. Vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Tnr533vszGs&ab_channel=UNESCO.

Acesso em: 15/12/2022.